

gênios



às vésperas da exposição retrospectiva de roberto burle marx no jewish museum, em nova york, a paisagista isabel duprat relembra os prazerosos momentos de aprendizagem que dividiu com o modernista

ingular

Roberto Burle Marx nos contagiou com sua inspiração abençoada. Criou uma nova linguagem de paisagismo a partir da matriz traçada pelo modernismo. Com uma perspectiva própria e original, se mostrou um homem comprometido com o espírito e a técnica do seu tempo, envolvido em projetos e intervenções que visavam organizar e transformar o ambiente, harmonizando homem e mundo natural.

Sua rigorosa formação na disciplina do desenho e da pintura se iniciou em Berlim aos 19 anos. E foi sob o impacto de uma exposição de Van Gogh que decidiu ser pintor. "Foi tão impressionante que ele fez essa escolha por mim", Roberto uma vez comentou. Ao mesmo tempo, nas estufas do Jardim Botânico de Dahlem, se encantou com a exuberante flora brasileira. A sincronidade dessas descobertas sempre permeou sua vida, se alternando e se mesclando: a pintura e o jardim como forma de expressão de sua arte. "Quero ver, por isso desenho. Não quero fazer pintura que seja um jardim. Se faço jardim, não quero fazer pintura."

Lembro-me com prazer, recém-saída da faculdade de arquitetura, de subir deslumbrada, todas as manhãs, a rua Cardoso Júnior no bairro carioca de Laranjeiras – onde ficava o seu escritório –, mal podendo acreditar na alegria de estar ali.

Caderno à mão, pronta para todas as notas, eu mergulhava na prancheta sobre seus projetos, procurando entender o sentido da linha, a distribuição de volumes, a frequência e o ritmo das formas, o percurso, a mescla das cores, o uso das plantas isoladas, ou justapostas, as espécies que nunca tinha visto, o uso da água e das pedras, o som. Constantemente, era arrebatada pela sensualidade de seu traço, que deve ter tomado emprestado das curvas da oferecida paisagem carioca.

Ele falava com sua arrogância marota que "quem cria uma coisa tem o direito de saber mais sobre ela". É verdade, ele sempre soube mais, e sempre surpreendeu, o que tornava seu trabalho instigante e espetacular.

Os fins de semana no seu sítio Santo Antônio da Bica, em Guaratiba, eram aguardados com ansiedade. Logo cedo nos acordava batendo à porta do quarto entoando Schubert, com voz forte e afinada. Um pincel à mão, sujo de tinta, e a bela e farta cabeleira branca revolta indicavam que a sua pintura já estava em curso, na varanda atrás da casa, onde ficava seu ateliê àquela época.

Era ali que se revelava por inteiro o Roberto pintor, paisagista, jardineiro, florista, joalheiro, cozinheiro, músico ou ambientalista, que com toda sua irreverência – e intolância com a mesmice e a ignorância – nos impregnava com sua paixão pela natureza brasileira. Eram momentos preciosos de cumplicidade com um gênio solar, um homem por inteiro, transgressor na liberdade de criar.

Roberto mergulhava em travessias. Agia sempre de maneira a proporcionar novas dimensões pela sabedoria do seu viver. Estávamos diante de um herói moderno, que nos deixou com sua obra uma das expressões mais completas do século 20.

O conhecimento aprimorado que acumulou de nossa flora e ecossistemas, que explorava em pesquisas feitas em seus habitats e nos diferentes domínios paisagísticos na companhia de botânicos, dava-lhe a liberdade e o domínio de interpretar as afinidades dessas plantas com singularidade.

Introduziu assim um número enorme de plantas no repertório do paisagismo brasileiro, criando uma forma inovadora de associar as espécies nativas em seus jardins, nos ensinando que as plantas se colocavam lado a lado, quase numa relação de necessidade.

Um passeio com Burle Marx no seu sítio, no fim da tarde, após um almoço generoso, daqueles que deixam o sabor no coração, era um ritual que cultuava a natureza. Ali priorizou ao longo de sua vida a formação de uma importante e única coleção de plantas nativas e associações vegetais, deixando para as futuras gerações um elenco inestimável de espécies de nossa flora.

Foi um pioneiro na luta pela preservação do nosso patrimônio natural, e intransigente com os devastadores das nossas matas. Dizia que era preciso proteger a natureza, como repositório de beleza e de vida. Ele dizia que "a planta é viva enquanto se altera. Ela goza da propriedade de ser instável".

Anos mais tarde, tive o privilégio de restaurar os jardins do hoje Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. Recuperar esse trabalho foi revisitar a obra dos anos 1950, em que Burle Marx realiza uma harmoniosa integração com a arquitetura e o entorno, utilizando a vegetação autóctone e uma paleta de cores e texturas para criar um jardim pictórico traçado em linhas sinuosas, acrescentando um novo vocabulário para o entendimento dos espaços verdes.

A esses elementos estruturais nos proporciona a ousadia do bellissimo painel de azulejos, em azul e branco, junto ao espelho d'água, o uso de plantas esculturais no jardim do chafariz, e a ironia ao parterre no desenho abstrato junto à casa. Sinto-me grata por ter vivenciado esse percurso, e por de certa forma prestar minha homenagem a esse grande mestre.

Foi assim que docemente eu fui apresentada à natureza tropical e ao jardim moderno como obra-prima, traduzida plástica e esteticamente em sua espontaneidade e em todo seu esplendor florístico, pelo olhar sensível e pelo saber deste artista.

Roberto Burle Marx trabalhou incessantemente até sua morte, em 1994, nos deixando uma extensa obra de significância permanente, e a sensação mágica de termos tido o privilégio de assistir e usufruir do trabalho criador de um gênio singular.

Roberto Burle Marx: Brazilian Modernist
Jewish Museum, Nova York, de 6 de maio a 18 de setembro
thejewishmuseum.org